

NOVAMENTE NAVEGAR: AS DEMANDAS E A RADICALIZAÇÃO DO MOVIMENTO DOS MARINHEIROS (1962-1964)

ROBERT WAGNER PORTO DA SILVA CASTRO¹; EDGAR ÁVILA GANDRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – robertwpscastro@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – edgargandra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em uma releitura do movimento dos marinheiros entre os anos de 1962 e 1964 a partir de um referencial teórico fundamentado em uma história política que, segundo René Rémond, não mais se atem ao “estudo do Estado como se ele encontrasse em si mesmo o seu princípio e a sua razão de ser” (RÉMOND, 2003). Mas passa a analisar as origens das decisões políticas, ou em suas palavras, “a raiz das decisões, as estratégias dos grupos de pressão” (RÉMOND, 2003). Tem como objetivo apresentar uma contribuição historiográfica, para um melhor entendimento da relação entre antigas demandas sociais básicas inerentes aos praças das graduações iniciais da Marinha do Brasil (soldados, marinheiros e cabos) e a mobilização destes militares em um cenário político tensionado entre os anos de 1962 e 1964.

Ainda há poucas obras historiográficas que analisem especificamente o movimento dos marinheiros e as razões que levaram estes militares a se mobilizarem em busca de direitos sociais e melhorias salariais, além de questões afetas à carreira militar naval. Alguns autores abordam a mobilização dos marinheiros como parte decisiva do processo que culminou com a deposição do presidente João Goulart. Porém estes autores não aprofundam seus trabalhos na análise do movimento dos marinheiros propriamente dito, na compreensão de suas reivindicações, na escalada da crise com a alta administração naval e na repressão empreendida contra esses militares.

Daniel Aarão Reis reduz os principais movimentos de praças das Forças Armadas¹, anteriores ao golpe, simplesmente a movimentos que atentavam aos fundamentos da disciplina e da hierarquia. E ainda classifica a mobilização dos integrantes da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB) como “a insubordinação da associação dos marinheiros no Rio de Janeiro” (REIS, 2004), sem fazer referência às suas demandas específicas ou à questão social inerente aos quadros da Marinha do Brasil.

Thomas Skidmore, cita algumas demandas dos marinheiros – tanto sociais quanto aquelas específicas da profissão – e a mobilização “na organização de uma associação de marinheiros” (SKIDMORE, 2003) a qual classifica como “um sindicato que exigiria melhoria de condições de trabalho a seus comandantes [...] que havia ganho o apoio dos marinheiros liderando suas reivindicações de melhor soldo e o direito de se casarem e de usar trajes civis quando fora do serviço.” (SKIDMORE, 2003).

Já o historiador Bóris Fausto aborda a mobilização dos marinheiros dentro da conjuntura imediatamente anterior ao evento golpista, caracterizando-a como “um grave acontecimento militar que ajudou a criar um clima ainda mais favorável aos conspiradores” (FAUSTO, 2007). Isto devido aos aspectos de quebra da hierarquia e indisciplina conferidos ao movimento dos integrantes da AMFNB. Em sua obra, Bóris Fausto confere maior relevância à questão disciplinar em detrimento das demandas sociais dos marinheiros.

Poucos trabalhos historiográficos analisam especificamente a mobilização dos marinheiros em 1964. Dentre estes podemos destacar a obra do historiador Flávio Luís Rodrigues, que analisa a luta dos marinheiros e fuzileiros navais por direitos sociais, políticos e por melhores condições de trabalho. Rodrigues ressalta também a proximidade da AMFNB com organizações e entidades de esquerda e afirma que associação “mostrava-se simpática às reformas defendidas pelo governo de João Goulart e a seu trabalhismo reformista” (RODRIGUES, 2004).

¹ Revolta dos sargentos em Brasília (1963) e a mobilização dos marinheiros no Rio de Janeiro (1964).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho realizou-se a partir da análise de obras memorialísticas de integrantes da AMFNB. E também da crítica a trabalhos historiográficos de autores que, abordam o movimento dos marinheiros simplesmente como um episódio de subversão da disciplina e da hierarquia militares, em detrimento de suas demandas por direitos, melhorias salariais e questões afetas à carreira militar.

A análise às fontes de memória cumpre papel essencial na presente pesquisa, sobretudo no que concerne à reconstrução da trajetória dos marinheiros enquanto segmento social, durante o recorte temporal em tela. Seguindo o entendimento de E. P. Thompson, buscamos evidenciar a experiência deste grupo social até então pouco analisado historiograficamente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento foram analisadas algumas fontes de memória, entre entrevistas realizadas com ex-integrantes do movimento dos marinheiros e obras memorialísticas de antigos membros da AMFNB. Além destas, fontes oficiais e jornalísticas vêm sendo analisadas enquanto fontes secundárias naquilo a que se propõe a presente pesquisa.

Apesar de ainda se encontrar em fase de coleta de fontes e análise inicial das mesmas, já é possível constatar o reduzido número de obras historiográficas que abordam o objeto deste trabalho. E ainda, dentre as diversas questões que permeiam esta releitura da trajetória do segmento dos marinheiros, podemos destacar a relevância das questões sociais para a mobilização dos marujos e fuzileiros. E também, como a inflexão da alta administração naval em abrir canais de diálogo com seus subordinados contribuiu para a radicalização do movimento no ano de 1964. Estas são duas questões que já é possível observar com maior clareza no presente momento da pesquisa.

4. CONCLUSÕES

A mobilização dos marinheiros entre os anos de 1962 e 1964, bem como suas demandas e o reconhecimento da capacidade de reflexão e mobilização política de seus integrantes, foram submetidos a um relativo ostracismo histórico. O presente trabalho procura contribuir para uma melhor compreensão dos integrantes do movimento dos marinheiros de 1964 enquanto sujeitos do processo histórico. Buscando ainda, através de suas memórias, suscitar novas pesquisas que venham a iluminar cada vez mais esse período ainda tão nebuloso da história da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Anderson da Silva. **Todo leme a bombordo – marinheiros e ditadura civil-militar no Brasil**: da Rebelião de 1964 à Anistia. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal Fluminense – UFF. Niterói, 2010.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

PARUCKER, Paulo Eduardo Castello. **Praças em pé de guerra: O movimento político dos subalternos militares no Brasil (1961-1964) e a Revolta dos Sargentos de Brasília**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 4.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo e MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). **O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964 – 2004)**. Bauru: EDUSC, 2004.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RODRIGUES, Flávio Luís. **Vozes do mar, o movimento dos marinheiros e o golpe de 1964**. São Paulo: Cortez, 2004.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.